

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

PRÁTICAS DE LEITURA: UM ESTUDO COM OS ALUNOS DO 6º ANO DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Alessandra Pereira Gomes Machadoⁱ
Marluce de Souza Lopes Santosⁱⁱ

EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

RESUMO

Este estudo é parte de uma pesquisa em desenvolvimento apoiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC/SE no Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior – PBIC Jr que busca investigar as práticas de leitura dos alunos do 6º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – Codap/UFS. As leituras realizadas sobre prática de leitura suscitaram perguntas sobre o hábito de leitura dos alunos, tais como: o acesso ao livro possibilitou a prática? A textualidade eletrônica incentivou a leitura? Os livros moldam os leitores? Para alcançar o objetivo proposto, a metodologia desenvolvida foi através de uma pesquisa de campo, tendo como instrumento questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa. Os resultados estão sendo tabulados para análise e considerações finais.

Palavras-chave: História da Educação, Cultura Escolar, Prática de Leitura.

ABSTRACT

This study is part of an ongoing research supported by the Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe - FAPITEC/SE in the Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior - PBIC Jr that seeks to investigate the reading practices of students in the 6th years of the Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe - Codap/UFS. Readings taken on reading practice raised questions about the reading habits of students such as: access to the book allowed the practice? The electronic textuality encouraged to read? The books shaping readers? To achieve the proposed objective, the methodology is developed through a field survey, and questionnaires as a tool to research subjects. The results are tabulated for analysis and concluding remarks.

Keywords: History of Education, School Culture, Practice of Reading.

Este estudo é parte de um projeto de pesquisa em desenvolvimento apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC/SE no Programa de Bolsas de Iniciação Científica Júnior – PBIC Jr que busca

investigar as práticas de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe – Codap/UFS.

Percebi que, no decorrer da minha trajetória profissional, alunos que passam pela Educação Básica apresentam dificuldades no domínio da Língua Portuguesa, ou seja, não conseguem construir os conhecimentos necessários para se expressarem com clareza e desenvoltura e poderem conquistar seu espaço na sociedade, em que nessa, a relação com bens materiais requer um preço, um valor; e a língua, numa relação de interação linguística com interlocutores de classes sociais diferentes, também funciona como num mercado: tem valor e poder quem domina o dialeto-padrão e desprestígio e exclusão aqueles que não o dominam. Bourdieu (apud. SOARES, 2001) define essa situação como um mercado linguístico, estabelecendo que uma competência só tem valor quando existe um mercado para ela.

Para que o aluno participe do meio social que utiliza o dialeto-padrão, ou seja, o de prestígio, ele não pode ser somente alfabetizado, uma vez que alfabetizado é aquele que adquiriu uma capacidade de codificar em língua escrita (escrever) e a de decodificar essa língua escrita (ler); não basta, porém, essa aquisição, é preciso apropriar-se da escrita, isto é, fazer uso das práticas sociais de leitura e de escrita, articulando-as ou dissociando-as das práticas de “inter-ação” oral, conforme as situações.

Tal situação desperta as discussões sobre a falta de leitura do brasileiro que giram em torno também da qualidade do ensino. Essa problemática leva o olhar para a função cultural da escola em face da diversidade da clientela. Para isso, o estudo sobre a cultura escolar, segundo Julia (2001), almeja acrescentar o estudo das práticas escolares à nova História da Educação.

Para tanto senti a necessidade de investigar as práticas escolares como fruto de uma cultura escolar, dando destaque à função cultural da escola.

Entendendo cultura escolar como:

um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

O conceito de cultura escolar tem corroborado para uma pesquisa que desnaturalize a escola e a veja como um espaço para a educação formal, mas também como uma instituição de socialização.

O diálogo estabelecido entre a História da Educação e outras áreas, como a linguística, tem contribuído para os estudos sobre as práticas. Perceber os indícios, os sinais, a materialidade, as práticas de que os objetos são portadores ou que formalizam, poderá ajudar a entender melhor a sala de aula e a refletir sobre o papel de educadora e a prática pedagógica.

Com a problematização da função social de transmissão da cultura atribuída à escola como reprodutora do *status quo*, segundo Diana Vidal (2009, p. 26), a partir da década de 1970, os estudos na área da História da Educação "destacam a escola como produtora de uma cultura específica e como espaço de convivência de culturas". Voltar o olhar para o interior da escola é atribuir valor à metáfora da "caixa preta", realizar estudos que se voltem para o "íntimo" das instituições escolares, ou seja, estudos da micro abordagem escolar.

Segundo Anne-Marie Chartier (1995, p. 24) há correlação estatística entre prática de leitura e a escolarização, reforçando a necessidade do desenvolvimento das práticas culturais de leitura.

As primeiras pesquisas estatísticas ou monográficas sobre as leituras do grande público vêm corroborar uma questão maior: o nível de escolarização diferencia a população dos leitores de maneira mais flagrante do que qualquer outro indicador, considerando-se tanto o tipo de leitura preferida (livro ou imprensa, romances literários ou populares), a duração do tempo dedicado à leitura, quanto a quantidade dos livros lidos.

Entendo, portanto, que os fins estabelecidos pelas disciplinas escolares como um objeto da cultura escolar pode nos dar alguns indícios de práticas escolares que nos revelem o universo de práticas de leitura dos alunos. Para Chervel (apud. FELGUEIRAS, 2010, p. 26), disciplinas escolares são "um produto específico da escola, que não se confunde com outras práticas sociais e constituem um importante elemento da cultura escolar".

Um estudo realizado por Diana Vidal sobre práticas de leitura escolar reforça a especificidade da pesquisa sobre práticas culturais de leitura no ambiente escolar:

Vidal (2001), em seu estudo sobre as práticas de leitura escolar, entre 1920 e 1930, adotando os conceitos de estratégia e tática, formulados por Michel de Certeau, isto é, das relações de força e formas de apropriação do objeto para entender a cultura escolar, concluiu que a leitura foi destacada dos outros saberes escolares e assumiu uma especificidade disciplinar, fixando formas apropriadas de leitura, critérios, escolha de títulos, entre outros, formulando

padrões que permanecem até hoje, principalmente, delegando a tarefa do trabalho com a leitura somente aos professores de Língua Portuguesa (SANCHOTENE, 2006, p. 33).

Percebi, portanto, a importância de estudar as práticas de leitura a partir do ambiente escolar que envolve a relação entre mestres e estudantes (FELGUEIRAS, 2010) para compreender as representações sociais que essas práticas permitem na aquisição de *habitus* e de valores e quais "as transferências culturais" da escola para a prática da leitura aos alunos.

Acredito que as práticas de leitura sejam relevantes no processo de aquisição de novo *habitus* – considerado por Bourdieu como o “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (BOURDIEU, 2005, p. 191).

A partir de estudos, descobri que a leitura possui uma história, que o leitor se apropria das leituras realizadas de diferentes formas e de lugares sociais diversos, que a leitura nem sempre foi livre e desejada, o que explica livros e leitores tão perseguidos em diversos períodos históricos. Dessa forma, percebe-se que a leitura não tem uma aparente neutralidade e um caráter universal (DARNTON, 2010).

Chartier (2009, p. 63) nos apresenta que “a longa história da leitura mostra fortemente que as mudanças na ordem das práticas costumam ser mais lentas que as revoluções das técnicas e que sempre estão defasadas em relação a estas. A invenção da imprensa não produziu imediatamente novas maneiras de ler”.

Sobre a história do livro, Darnton (2010) nos mostra que a rota que esses percorriam para chegar aos livreiros era demorada e cara, mas os leitores se desdobravam para ter acesso. Segundo o autor, “os leitores extraíam significado dos livros; não se limitavam a decifrá-los. Ler era uma paixão” (Darnton, 2010, p. 215).

Houve um tempo em que a prática de leitura e de escrita era indissociável, os leitores sentiam necessidade de registrar sua impressão sobre o livro, transcrever partes interessantes para um caderno, era o livro de lugares-comuns. Esse livro era lido e reescrito à medida que recombinaavam novas observações, “era uma maneira especial de absorver a palavra impressa” (DARNTON, 2010, p. 164).

À época do Renascimento, no mundo do livro impresso, a leitura era tudo, o homem era o que lia, incentivando, portanto, o hábito. Essa prática aguçava a consciência da formação do indivíduo autônomo.

Agora estão disponíveis várias opções de leitura com hipertextos que possibilitam um campo diferente de informações, filmes baseados nos livros dentre outras maneiras que possibilitam leituras diversas. O acesso ao livro e à diversidade temática que tem estado à disposição do público leitor tem revolucionado a maneira de ler e ter contato com essa leitura, proporcionando interpretações, vivências e abstrações que envolvem essa prática e esse novo público leitor. Hoje é estabelecida uma nova relação com o leitor, a textualidade eletrônica transformou o ato de ler.

As leituras realizadas nessa área suscitaram perguntas sobre o hábito de leitura dos alunos do 6º ano, tais como: o acesso ao livro possibilitou a prática? A textualidade eletrônica incentivou a leitura? Os livros moldam os leitores, ou seja, nós somos o que lemos?

A formação de leitores proficientes por parte da escola requer o envolvimento e o comprometimento de professores que compreendam a leitura enquanto prática cultural e que se reconheçam como leitores.

A leitura é entendida, neste estudo, como um processo cultural em que "o significado dos textos depende das capacidades, das convenções e das práticas de leitura próprias das comunidades que constituem, na sincronia ou na diacronia, seus diferentes públicos" (CHARTIER, 2009, p. 37).

Segundo Darnton (2010, p. 177), Drake compreendia leitura "como digestão, um processo de extrair a essência dos livros e incorporá-las em si mesmo. [...] A leitura não deveria ter fins de erudição, mas prestar-se a ajudar um homem a progredir no mundo".

Para isso, é preciso trabalhar com a leitura como prazer e como formadora do cidadão autônomo. Darnton (2010, p. 188) afirma que a leitura é como "elemento daquilo que era chamado de história das mentalidades – isto é, visões de mundo e modos de pensar".

As representações das práticas de leitura podem estar interligadas a fatores diversos, tais como o conhecimento de mundo do leitor, o momento histórico e o meio social ao qual estão inseridos. Chartier (2009, p. 51-52) entende que "as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é".

Pergunto, portanto, se as práticas de leitura são realizadas no ambiente escolar e no cotidiano desses alunos, como meio de formação. Esse estudo pretende, portanto, investigar as práticas de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Codap/UFS com intuito de identificar o hábito, o tipo e a temática das leituras realizadas no ambiente escolar.

Assim, conhecer as práticas de leitura realizadas pelos alunos nos proporcionará indícios de comportamento, de valores e de experiências que surgiram a partir das leituras, tanto as do processo educacional formal quanto as do cotidiano de suas vidas.

Acredito que este trabalho se torna relevante para desmitificar a máxima de que os alunos não leem mais, porque as leituras dos clássicos da literatura brasileira foram substituídas (ou acrescidas) pela ampla diversidade de títulos, de editoras e de autores que nos tem apresentado nas prateleiras das livrarias e nos sites de compra das editoras pela internet.

Apresentando o campo da pesquisa

Em virtude da minha experiência como professora de Língua Portuguesa com alunos do Codap/UFS, senti motivada a pesquisar esse universo. Posto que percebi que os alunos que estão concluindo os onze anos de estudo da Educação Básica saem com as dificuldades de domínio da língua padrão escrita, como meio de interação social e de transformação pessoal e social.

Farei uma breve apresentação da Instituição de Ensino para contextualizá-la na proposta do projeto.

O Colégio de Aplicação é uma instituição federal, fundada em 1959 como Ginásio de Aplicação (G. A.) da Faculdade de Filosofia e Educação de Sergipe. A partir de 1967, passou, então, a Colégio de Aplicação, incorporando à Fundação Universidade Federal de Sergipe; em 1984 passa a ser órgão suplementar vinculado administrativamente à Reitoria.

Atualmente o setor pedagógico encontra-se ligado à Pró-Reitoria de Graduação e se propõe a desenvolver práticas pedagógicas para a Educação Básica, Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio e, através de seus conhecimentos, oferecer um ensino de qualidade. O Codap funciona também como laboratório para os alunos das diversas licenciaturas e demais cursos oferecidos pela Universidade realizarem seus estágios obrigatórios.

O ingresso no colégio se dá através de Sorteio Público de vagas para alunos do 6º ano e para completar o número de alunos nas demais séries que apresentarem vagas. Essa nova modalidade de acesso trouxe ao Colégio um público mais heterogêneo o que, conseqüentemente, requer adequações e ações pedagógicas que garantam a permanência e o sucesso desse aluno na escola.

Para tanto percebo a necessidade de investigar essa instituição educacional, para entender as práticas escolares para a formação do jovem, em especial as práticas de leitura.

Acredito que a investigação poderá explicitar as práticas educacionais que formam os alunos e se essa formação serve à transformação (FREIRE, 1983).

Procedimentos metodológicos

Para alcançar o objetivo proposto, esta pesquisa pretende ser desenvolvida através de um estudo bibliográfico com ênfase nas temáticas da História do Livro e da Leitura com pesquisa de campo, tendo como instrumento fichamentos e questionários aplicados aos sujeitos da pesquisa. Trata-se de um estudo que procura apreender, no cotidiano do Codap/UFS, as práticas de leitura que servem como formadora de *habitus*.

Dessa questão geral e tendo em vista os objetivos propostos pela pesquisa, decorrem os seguintes questionamentos: As práticas de leitura acontecem nessa escola e como se processam? Elas servem para a formação dos alunos? O aluno tem hábito de leitura? Qual o tipo de leitura o aluno pratica? Ele recomenda livros aos colegas?

Para responder aos questionamentos propostos, pretendo utilizar o questionário com os sujeitos da pesquisa como fonte. O questionário tem o objetivo de caracterizar o perfil e a prática de leitura dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Codap/UFS.

Os questionários já foram empregados e está em fase de tabulação dos dados.

Práticas de leitura: alguns desafios a serem desvendados

Espera-se, portanto, que as práticas de leitura realizadas no ambiente escolar, em especial dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental do Codap/UFS, sejam identificadas a partir dos instrumentos de coleta de dados, questionário, para que o objetivo desse estudo seja alcançado e as perguntas suscitadas pelas pesquisadoras sejam respondidas.

A partir de dados preliminares obtidos do questionário, com intuito de caracterizar e conhecer os sujeitos/alunos da pesquisa, obtivemos os seguintes resultados.

Os cinquenta e sete (57) sujeitos/alunos que participaram como colaboradores nessa pesquisa cursam o 6º ano do Ensino Fundamental no Codap/UFS, sendo trinta e um (31) do sexo masculino e vinte e cinco (25) do feminino, um não identificou o sexo. A faixa etária desses alunos é de 9 a 13 anos, sendo quarenta e oito (48) naturais de Aracaju-SE, seis (6) do

interior do estado de Sergipe, um de Cuiabá-MT, um de Maceió-AL e um se identificou como brasileiro.

Os outros dados estão sendo tabulados para posterior análise e conclusões.

Sabemos que um trabalho de pesquisa não encerra em si, mas abre caminhos para outras perguntas.

Referências Bibliografias

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 21ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. **A língua de Eulália:** novela sociolingüística. 12ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Nada na língua é por acaso:** ciência e senso comum na educação em língua materna. In: *Presença Pedagógica*, V. 12, p. 22-29, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997. (Linguagem e cultura).

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. A cultura escolar na historiografia da educação brasileira: alcances e limites de um conceito. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.). **Cultura escolar, migrações e cidadania.** Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p. 33-34.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Fundamental – Terceiro e Quartos Ciclos:** Língua Portuguesa. Brasília: SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN + Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Linguagens, códigos e suas tecnologias. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC; SEMTEC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Campo do poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: **A economia das trocas simbólicas**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 183-202.

CHARTIER, Anne-Marie. **Leitura escolar**: Entre pedagogia e sociologia. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez, 1995, N ° 0.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.) **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p. 17-32

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 5ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1983.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas: Editora Autores Associados, nº 1, Janeiro/Junho, 2001, p. 9-43.

MACHADO, Alessandra Pereira Gomes. **Língua portuguesa: incluir e participar para exercer a cidadania**. Seropédica, RJ, 2008. Dissertação de Mestrado.

MACHADO, Alessandra Pereira Gomes Machado. Concepções sobre o ensino de língua portuguesa: discussões sobre reprodução e transformação social. In: SILVA, Leilane Ramos da & FREITAG, Raquel Meister Ko. **Linguagem e Representação Discursiva II**: outros estudos. João Pessoa: Editora Universitária, 2010. p. 117-134

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 20ª ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2002.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2004. (Coleção Leituras no Brasil).

SANCHOTENE, Joyce de Castro. **Cultura Escolar e as Práticas de Leitura.** Curitiba, PR, 2006. Dissertação de Mestrado.

SOARES, Magda Becker. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 28-71.

_____. **Linguagem e escola** – uma perspectiva social. 17ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

_____. **O que é letramento.** In: Diário na Escola, Santo André, 2003, p. 03.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares:** estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **No interior da sala de aula:** ensaio sobre cultura e prática escolares. In: Currículo sem Fronteiras. V. 9, n. 1, PP. 25-41, Jan/Jun 2009.

ⁱ Mestre em Educação (UFRRJ). Professora efetiva de Língua Portuguesa do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS). Membro do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Educação Básica (NEPEEB-CODAP) e do grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais, práticas escolares (NPGED-UFS). Endereço eletrônico: alessandrasje@hotmail.com.

ⁱⁱ Pedagoga, especialista em Planejamento Educacional. Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Sergipe, membro do grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: intelectuais da educação, instituições educacionais, práticas escolares (NPGED-UFS). Endereço eletrônico: marlucelopes@ufs.br.